

doi.org/10.51891/rease.v10i1.10669

## JESUÍTAS, OS FUNDADORES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: HISTÓRICO, MÉTODO, ENSINO E CONTRIBUIÇÕES

JESUITS, THE FOUNDERS OF BRAZILIAN EDUCATION: HISTORY, METHOD, TEACHING AND CONTRIBUTIONS

LOS JESUITAS, LOS FUNDADORES DE LA EDUCACIÓN BRASILEÑA: HISTORIA, MÉTODO, ENSEÑANZA Y CONTRIBUCIONES

Antonio Coelho de Souza<sup>1</sup>

**RESUMO:** A educação jesuíta no Brasil, constituiu-se de uma das primeiras tentativas de implantação de um sistema de ensino formal e, indiscutivelmente, o primeiro em grande escala em terras brasileiras. Dessa maneira, o estudo da educação jesuíta e de seu método de ensino é imprescindível para a compreensão da formação histórica da educação, da cultura e do próprio Estado brasileiro. Assim, o presente artigo tem por objetivo principal discorrer sobre a educação jesuíta, atualizando o estado do conhecimento sobre o tema e contribuindo para novas reflexões sobre o assunto, sendo justificado, dentre outras coisas, pela escassez de bibliografia científica que verse sobre o tema. Dessa forma, no artigo serão trabalhados o histórico da Ordem, o *Ratio Studiorum*, o ensino e as contribuições da educação jesuíta. Para o desenvolvimento do presente estudo foi realizado um levantamento bibliográfico, garantindo à pesquisa o caráter metodológico *Qualitativo*. Concluindo-se que, o ensino jesuíta desempenhou um papel decisivo nos primeiros séculos da formação do Brasil, sendo seu método bastante robusto para a época.

1712

**Palavras-chave:** Companhia de Jesus. Igreja Católica. Educação brasileira. Ratio Studiorum. Pedagogia.

**ABSTRACT:** Jesuit education in Brazil was one of the first attempts to implement a formal education system and, arguably, the first on a large scale in Brazilian lands. In this way, the study of Jesuit education and its teaching method is essential for understanding the historical formation of education, culture and the Brazilian State itself. Thus, the main objective of this article is to discuss Jesuit education, updating knowledge on the subject and contributing to new reflections on the subject, being justified, among other things, by the scarcity of scientific bibliography that deals with the subject. Thus, the article will work on the history of the Order, the Ratio Studiorum, the teaching and contributions of Jesuit education. For the development of the present study, a bibliographic survey was carried out, guaranteeing the qualitative methodological character of the research. Concluding that Jesuit teaching played a decisive role in the first centuries of the formation of Brazil, its method being quite robust for the time.

**Keywords:** Society of Jesus. Catholic Church. Brazilian education. Ratio Studiorum; Pedagogy.

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - Campus Acopiara.

**RESUMEN:** La educación jesuita en Brasil fue uno de los primeros intentos de implementar un sistema de educación formal y, posiblemente, el primero a gran escala en tierras brasileñas. De esta manera, el estudio de la educación jesuita y su método de enseñanza es fundamental para comprender la formación histórica de la educación, la cultura y el propio Estado brasileño. Así, el objetivo principal de este artículo es discutir la educación jesuita, actualizando los conocimientos sobre el tema y contribuyendo a nuevas reflexiones sobre el tema, justificándose, entre otras cosas, por la escasez de bibliografía científica que trate el tema. Así, el artículo trabajará sobre la historia de la Orden, la *Ratio Studiorum*, la enseñanza y aportes de la educación jesuita. Para el desarrollo del presente estudio se realizó un levantamiento bibliográfico garantizando el carácter metodológico cualitativo de la investigación. Concluyendo que la enseñanza jesuita jugó un papel decisivo en los primeros siglos de la formación de Brasil, siendo su método bastante robusto para la época.

**Palabras clave:** Compañía de Jesús. Iglesia Católica. Educación brasileña. *Ratio Studiorum*. Pedagogía.

## I. INTRODUÇÃO

O ensino jesuítico compreende um importante capítulo da educação brasileira, podendo ser considerado a pedra fundamental da mesma, uma vez que durante os primeiros dois séculos do Brasil, a Companhia de Jesus foi responsável por, praticamente, todo o processo de ensino e aprendizagem realizado na colônia, garantindo sua posição hegemônica na educação durante o referido período.

Assim, desconhecer ou menosprezar o papel desempenhado pela Ordem não é justificável para nenhum pesquisador da educação ou educador, uma vez que seria uma tentativa de se esquecer da história porquê não concorda com ela, ou porquê não a considera suficientemente instigante. O problema disso, é que ao se esquecer do passado, não conseguimos compreender o presente, nem planejar o futuro. No fim, considerar apenas as contribuições das pedagogias modernas é como tentar construir uma casa só com o telhado.

Dessa maneira, o presente artigo tem por objetivo principal discorrer sobre a educação jesuíta, tendo por objetivos específicos, 1º apresentar o histórico da Ordem, 2º discorrer sobre o *Ratio Studiorum*, 3º apresentar a metodologia e o ensino jesuíta e 4º refletir sobre as contribuições da educação jesuítica.

Além disso, a problemática do artigo se justifica pelo fato de existirem poucos trabalhos voltados especificamente para a educação jesuíta, sendo que geralmente os existentes a tratam de maneira excessivamente negativa, seja devido a compreensões particulares dissonantes da referida, ou por análises anacrônicas da mesma (PAIVA, 2015, p. 213).

Dessa forma, foi realizado um levantamento bibliográfico tendo por finalidade conhecer o atual estado de compreensão acadêmico sobre o tema, a partir do qual foram realizadas as reflexões

que compõem o presente artigo, tendo por fim, contribuir para o avanço e o progresso na compreensão do referido objeto de estudo.

## 2 A COMPANHIA DE JESUS

### 2.1 Histórico da Ordem

A Companhia de Jesus é uma importante ordem religiosa católica que desempenhou um grande papel durante a Era dos Descobrimentos, especialmente em terras colonizadas por portugueses e espanhóis (porém, com grande predominância nas portuguesas), uma vez que nestas nações ainda perdurava uma forte convicção católica e uma grande participação da influência da Igreja nas decisões estatais, diferentemente do que ocorria nos países ao redor, dos quais muitos já haviam declinado, em parte ou no todo, à influência protestante.

Aliás, é justamente no contexto da Reforma Católica (Contrarreforma), que nasce a ordem, como auxiliar acadêmico/missionária no combate à Reforma Protestante (FONTANA; KUHN; ERMEL, 2021, p. 4). Por um lado, “munidos de um sólido saber instrumental” (FERREIRA, 2005 p. 62), que os permitia desenvolver um combate intelectual às iniciativas dos protestantes, por outro, “por meio de suas ações missionárias” (SOUSA; CAVALCANTE, 2016, p.15), que garantia-os o ganho de novas almas à fé católica.

A companhia foi fundada em 15 de agosto de 1534, na capela de Montmartre, em Paris, na França, por São Pedro Fabro, São Francisco Xavier, Afonso Bobadilha, Diogo Laínez, Afonso Salmeirão e Simão Rodrigues, liderados por Santo Inácio de Loyola, tendo a sua aprovação em 27 de setembro de 1540, por meio da bula *Regimini militantis Ecclesiae*, do papa Paulo III.

Os jesuítas chegaram ao Brasil em 1549, apenas 15 anos após sua fundação e 9 anos após sua aprovação eclesiástica, o que realça o ímpeto de atuação dos referidos religiosos e seu vigor missionário/catequético. Desembarcaram em terras brasileiras juntos do primeiro governador-geral, Tomé de Sousa, sendo liderados pelo padre Manoel de Nóbrega.

O motivo do envio dos jesuítas à colônia atendia a dois objetivos: a evangelização dos nativos americanos e o processo civilizatório defendido pelos portugueses. Em relação ao primeiro, ele atende a um pedido feito ao rei de Portugal Dom Manuel I, décadas antes, em carta, por Pero Vaz de Caminha, em 1500, onde diz:

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente.

E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que aí não houvesse mais que ter aqui esta pousada para esta navegação de Calecute, bastaria. Quando mais disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa santa fé.

A petição de Vaz de Caminha foi atendida pelo sucessor de Dom Manuel I, Dom João III, que declara na introdução e no número 43, do regimento entregue a Tomé de Sousa, como sua missão:

Conservar e enobrecer as Capitânicas e povoações das terras do Brasil e dar ordem e maneira com que melhor e mais seguramente se possam ir povoando, para exalçamento da nossa Santa Fé [...] porque, como o principal intento meu é que se convertam à nossa Santa Fé, logo, é razão que se tenha com eles todos os modos que puderem ser para que o façais assim: e o principal há-de-ser escusardes fazer-se-lhes guerra, porque com ela se não pode ter a comunicação que convém que se com eles tenha, para o serem.

Ter como principal objetivo de seu governo a evangelização dos nativos não é algo estranho ao Reino Português, uma vez que faz parte do histórico de desenvolvimento de Portugal, que sempre enxergou como sua vocação quanto estado a evangelização dos povos, tendo como seu fundador Dom Afonso Henriques, o qual teria recebido de Cristo a missão de construir um império para levar a fé às nações, conforme relatado em sua crônica:

Confia, Affonso, porque não só vencerás esta batalha, mas todas as outras, em que pelearas contra os inimigos da minha Cruz [...] Eu Sou o fundador, e destruidor dos Reinos, e Impérios; e quero em ti, e teus decedentes fundar para mim hum Imperio, por cujo meio seja meu nome publicado entre as Nações mais estranhas. (FIGUEIREDO, 1828, p. 118).

O segundo objetivo dos jesuítas era desenvolver um processo civilizatório nas terras recém-descobertas, garantindo o ensino aos filhos dos portugueses, bem como moldando os antigos costumes dos indígenas à fé cristã e a um modelo de sociedade lusitano. Foram os jesuítas que muitas vezes intermediaram as relações entre nativos e portugueses, bem como desenvolveram as primeiras cidades a partir dos aldeamentos. Porém, não é correto reduzir todo o trabalho dos jesuítas a um processo de “aculturação” (OLIVEIRA, 2014, p. 216), uma vez que muitos índios iam de própria vontade ao encontro dos jesuítas, seja para se protegerem de tribos rivais, seja para se protegerem dos próprios colonos portugueses (OLIVEIRA, 2014, p. 216), ou mesmo por interesse genuíno em aprender sobre a fé que eles pregavam. Além disso, os jesuítas reconheciam alguns aspectos da cultura dos nativos, tendo

inclusive, utilizado a língua nativa, o Tupi, embora em detrimento das demais, como Língua Geral da colônia, em vez da língua portuguesa.

Os jesuítas continuaram sua atuação catequética/educacional no Brasil até 1759, quando foram expulsos pela Reforma Pombalina, motivada pela Revolução Iluminista que “se caracterizou essencialmente pela preocupação de limitar os poderes da Igreja em áreas de interesse social, como as do Ensino, a Assistência e a Justiça” (ROSA, 2014, p.369), deixando de funcionar no Brasil 17 colégios, 10 seminários, 55 missões entre os nativos e 131 casas religiosas (KLEIN, 2016). Assim, a Revolução Pombalina trouxe consequências danosas não só aos jesuítas, como também à educação brasileira, pois o:

desmantelamento da organização educacional jesuítica e a não-implantação de um novo projeto educacional foram graves, pois, somente em 1776, dezessete anos após a expulsão dos jesuítas, é que se instituíram escolas com cursos graduados e sistematizados [...] pois destruiu uma organização educacional já consolidada e com resultados [...] e não implementou [...] um novo sistema educacional. (MACIEL; NETO, 2006, p. 475)

A ordem foi suprimida em 21 de julho de 1773 pelo breve papal *Dominus ac Redemptor*, pelo Papa Clemente XIV, a seu contragosto, pressionado pelo rei da Espanha Carlos III (SBARDELOTTO, 2011), sendo restaurada apenas em 1814, pela bula *Sollicitudo omnium Ecclesiarum* do Papa Pio VII. Atualmente a Companhia de Jesus possui mais de 16 mil membros, segundo dados disponibilizados pela Rede Jesuíta de Educação em seu site oficial, sendo considerada a maior ordem religiosa católica da atualidade, e tendo eleito o primeiro papa derivado da ordem em 13 de março de 2013, o atual Papa da Igreja Católica, Francisco.

1716

## 2.2 O fundador

Santo Inácio de Loyola nasceu em Azpeitia, País Basco, em 31 de maio de 1491. Iniciou sua vida como militar, como recorda na sua autobiografia ditada ao Pe. Câmara (1555/2005, p. 27):

Até aos vinte e seis anos de idade, foi homem dado às vaidades do mundo e deleitava-se sobretudo no exercício das armas, com um grande e vão desejo de honra. E assim, estando numa fortaleza que os franceses combatiam, e sendo todos de parecer que se entregassem, com a condição de não matarem, pois viam claramente que não se podiam defender, ele deu tantas razões ao governador da cidade, que o persuadiu à defesa, ainda que contra o parecer de todos os cavaleiros, os quais se animavam com a sua bravura e esforço.

Ferido na batalha de Pamplona, passou meses se recuperando, uma vez que foi ferido por um disparo de canhão, o que o levou a passar por três cirurgias na perna (CÂMARA, 1555/2005, p. 27-29). Durante esse tempo, deu-se a leitura de obras religiosas, a *Vita Christi* e um livro sobre a Vida dos Santos (CÂMARA, 1555/2005, p. 29), uma vez que não haviam obras de cavalaria para ler. Sendo a partir da leitura dessas obras que ele enxergou sua vocação religiosa, como menciona:

Notava, ainda, esta diferença: quando pensava nas coisas do mundo, sentia um grande prazer; mas quando depois de cansado as deixava, sentia-se árido e descontente. E quando pensava ir a Jerusalém, descalço e comendo só ervas, e em fazer todos os mais rigores que via que os santos tinham feito, não só sentia consolação quando estava nesses pensamentos, mas também depois de os deixar, ficava contente e alegre [...] Assim, desde aquela hora até ao mês de Agosto de 53, em que isto se escreve, nunca mais teve nem o mínimo consentimento em coisas da carne. Por este efeito se pode julgar ter sido coisa de Deus, ainda que ele não se atrevia a confirmá-lo, e só afirmava o sucedido. Mas, tanto o seu irmão como os outros da casa, foram conhecendo pelo exterior a mudança que se tinha operado interiormente na sua alma. (CÂMARA, 1555/2005, p. 31,33)

Em 1528 entraria na Universidade de Paris (CÂMARA, 1555/2005, p. 99), onde conheceria aqueles junto dos quais iria em 1534 fundar a Companhia de Jesus.

### 3 O *RATIO STUDIORUM*

#### 3.1 Introdução sobre o método

O *Ratio Studiorum*, ou, “Plano de Estudos”, é o nome pelo qual foi denominado o plano pedagógico dos jesuítas, o qual continha regras para os professores e funcionários das instituições jesuíticas, bem como para o desenvolvimento das disciplinas e de todas as etapas envolvidas no processo de ensino. Além disso, configurou-se como o documento norteador de todo o sistema de ensino da ordem, sendo aplicado em todos os centros de ensino da instituição no mundo, tendo sido o primeiro sistema de ensino do tipo, e se tornando um precursor dos sistemas padronizados modernos, além de ter sido a base da educação tradicional e um dos mais aclamado métodos pedagógicos por séculos.

Desempenhou um importante papel na formação de intelectuais e de pensadores dos séculos XVI, XVII e XVIII, tendo seus efeitos sentidos até tempos recentes, quando no século XX houve o retorno do interesse pelo referido método, despertando a atenção de

consideráveis intelectuais e acadêmicos do mundo, especialmente, na Europa, América do Norte e América Latina.

A partir da segunda metade do século XX, especialmente a partir das décadas de 50 e 60, motivado pelas revoluções sociais de caráter neoliberal, secularista, laicista e marxista, além das próprias inovações internas da Igreja Católica, como o Concílio Vaticano II e a Teologia da Libertação, houve a diminuição do interesse pelo método, passando a ser considerado ultrapassado, e não mais atendendo às necessidades do presente, por ser um método tradicionalista, voltado para uma formação clássica e religiosa. Além disso, devido ao surgimento de novas pedagogias, especialmente, das chamadas pós-críticas (as quais dão enfoque em uma educação que vise a transformação social a partir das compreensões das lutas de classes) e das tecnicistas (que são resquícios do positivismo do século XIX, muito focada na técnica e no progresso), ocorreu o abandono da pedagogia jesuíta em praticamente todos os ambientes educacionais, excetuando-se, obviamente, os da própria ordem.

Porém, cabe salientar que muitas das críticas direcionadas à prática pedagógica dos jesuítas não são baseadas em fatos concretos, mas sim em percepções filosóficas distintas de educação que, devido não conseguirem compreender o método dos jesuítas e suas formas de enxergar a sociedade e a educação, acabam que por rejeitá-lo. O *Ratio Studiorum* evidentemente tinha suas limitações no tempo, como qualquer método, mas tinha também inegável importância, possuindo uma profunda formação humanística que contribuiu para grandes transformações na educação e na própria sociedade, tendo os jesuítas promovidos profundos avanços. Assim, não é correto, nem intelectualmente ético, rejeitar um método provado pelo tempo e pelos resultados, apenas porquê ele não condiz com a preferência filosófica, sociológica ou pedagógica pessoal de cada educador/acadêmico.

Mais recentemente, tem surgido o interesse na recuperação de alguns princípios do método jesuíta, e até mesmo na formação de escolas que tenham o método como sua pedagogia central, motivado principalmente por movimentos acadêmicos que reconhecem a importância da contribuição dos jesuítas para a educação, bem como por movimentos religiosos, como a ascensão do catolicismo “tradicional”.



### 3.2 Introdução ao *Ratio Studiorum* do Pe. Leonel Franca, S. J.

Para discorrer sobre o *Ratio Studiorum* em si, é importante se voltar para aquela que é uma das obras mais completas sobre o tema, que é a obra “O Método Pedagógico dos Jesuítas (Parte I – Introdução e Índices/ Parte II – *Ratio Studiorum*)” do Padre Leonel Edgard da Silveira Franca, ou, Pe. Leonel Franca, sacerdote jesuíta e grande intelectual brasileiro do século XX.

Para o padre, o *Ratio Studiorum* “não pode ser desconhecido ou menosprezado” (FRANCA, 1952, p. 5) pela educação moderna, uma vez que desempenhou um grande papel no processo histórico do desenvolvimento da educação. Na primeira parte de sua obra, o Pe. Franca discorre sobre a importância do método jesuítico, sobre o histórico do ensino jesuíta e realiza uma defesa do mesmo. Para o Pe. Franca (1952, p. 6):

Pedagogicamente, a aplicação do *Ratio* foi coroada em toda parte, de um êxito incontestável. Confessam-no todos os escritores desapaixonados, ainda os menos simpáticos aos jesuítas. E se a árvore se conhece pelos frutos, aí estão eles numerosos e sazonados, a atestar-lhe a boa seiva e fecundidade.

Após realizar a citada defesa, Franca cita vários intelectuais que tiveram suas formações ligadas aos colégios pertencentes à Companhia de Jesus como forma de sustentação de sua afirmação, citando:

Na França. S. Francisco de Sales, Corneille, Moliere, Fontenelle, Descartes, Bossuet, Monstesquieu, Malesherbes, Rousseau, La Condamine, Diderot, Buffon, Langrage, Richelieu, Conde, Cauchy, Flechier, Fleury, Lamartine, Foch; na Espanha, S. João da Cruz, Cervantes, Calderón, Lope de Veja, José Zorrilla, Rubem Dario, Ramon Jimenes; na Itália, Tasso, Alfieri, Vico, Goldoni, Segneri, Bartoli, Prospero Lambertini (Bento XIV); na Bélgica, Justo Lipsio; na Irlanda, O’ Connel; em Portugal e na América Latina, Antonio Vieira, João de Lucena, Baltazar Teles, Zorrilla de S. Martin [...]. (FRANCA, 1952, p. 6)

Assim, com a menção aos intelectuais citados, Franca destaca que muitas das inquietações e problemas encontrados pelos educadores modernos podem ter respostas nos princípios encontrados no *Ratio Studiorum* (1952, p. 6).

Dito isso, Franca passa a falar da importância do estudo do referido método, traçando um breve histórico, mencionando que não estava nos planos iniciais de Santo Inácio criar um sistema de ensino e que isso foi algo que, praticamente, foi-lhe imposto pelas circunstâncias (1952, p. 7), além de traçar o desenvolvimento e implantação dos primeiros



colégios jesuítas, destacando os grandes números de alunos, constituindo-se a Ordem, “pelo número e pela valia dos colégios [...] como uma instituição plenamente vitoriosa” (FRANCA, 1952 p. 15).

Dessa forma, segundo Franca, os colégios jesuítas se tornavam rapidamente os centros de cultura mais enfáticos das localidades nas quais estavam inseridos (FRANCA, 1952, p. 15). Como testemunhos contemporâneos à época, recorda o Pe. Franca (1952, p. 15):

É conhecida a frase incisiva de Bacon: “No que concerne a Pedagogia basta uma palavra: consulta a escolas dos jesuítas; não encontrarás melhor”. O célebre humanista Aldo Manucio, dedicando ao Colégio Romano a sua edição de Salústio, confessa que, de tudo quanto vira em Roma, nada o havia impressionado tanto quanto a dignidade acadêmica e a ordem do Colégio Romano. Na sua *Histoire de Sainte-Barbe*, Quicherat confessa que, em Paris e em toda a França, os jesuítas, no terreno educativo, conquistaram o primado com tal facilidade e rapidez que se lhes podia aplicar a palavra célebre: vim, vi e venci.

Assim, diante do crescimento exponencial dos colégios pertencentes à Ordem dos Jesuítas, houve a necessidade da criação de um sistema para corrigir os erros que apareciam e para garantir a uniformidade no ensino (FRANCA, 1952, p. 16), surgindo a motivação para se criar o *Ratio*. Como fontes para o desenvolvimento do *Ratio*, Franca cita a influência dos antigos (referindo-se aos sábios gregos e romanos da antiguidade, uma vez que os jesuítas estavam inseridos na Renascença, período o qual era marcado pelo retorno aos clássicos), a idade média (pela influência da filosofia escolástica e, especialmente, pelo apreço que os jesuítas nutriam em relação a São Tomás de Aquino) e a experiência (uma vez que o método foi desenvolvido a partir de décadas de observações dos colégios administrados pela Ordem) (FRANCA, 1952, p. 28-40). Assim, o método jesuítico é marcado pelo respeito à tradição e como resposta aos tempos nos quais foi desenvolvido, constituindo-se como uma pedagogia orgânica, pois:

Os primeiros jesuítas não desceram a campo, em matéria de educação, como revolucionários ou como inovadores. Não pretenderam romper com as tradições escolares vigentes nem mesmo trazer-lhes contribuições inéditas. Ajustaram-se às exigências mais sadias de sua época e procuraram satisfazer-lhes com a perfeição que lhes foi possível. (FRANCA, 1952, p. 27)

Ainda assim, segundo Franca, os leitores não habituados com o contexto da época ao ler o *Ratio Studiorum* podem se decepcionar, pois não encontrarão um tratado pedagógico, onde são discutidos sistemas nem princípios, mas apenas apresentadas regras e prescrições (FRANCA, 1952). Segundo o referido autor, isso se dá pelo fato de:

Sobre os fins e ideais educativos discutia-se menos no século XVI do que no século XX. A unanimidade era então quase perfeita. Os nacionalismos ainda não se haviam ouriçado uns contra os outros nem os estados se esforçavam por converter a educação das massas em instrumento político. O alvo então visado era universal, a formação do homem perfeito, do bom cristão. Não se mirava, com a ação das escolas, dar a consciência de cidadão de tal ou tal império ou de representante desta ou daquela raça predestinadas. Os professores do Renascimento percorriam a Europa sem se sentir estrangeiro em nenhuma parte. (FRANCA, 1952, p. 44)

Dessa forma, como não havia grandes divisões quanto à compreensão dos objetivos da educação quando o *Ratio* foi escrito em 1599, bem como as noções de Estado da maneira que entendemos atualmente ainda não estavam bem estabelecidas, as prescrições do *Ratio* eram mais para garantir a ordem e a uniformidade do ensino nos colégios da instituição, não sendo, portanto, descrito passo a passo o processo de ensino, uma vez que ao ler as regras estabelecidas o professor compreenderia como deveria desenvolver e organizar a sua aula. Portanto, os princípios pedagógicos no *Ratio Studiorum* “são mais supostos do que enunciados” (FRANCA, 1952, p. 44).

### 3.3 As regras dispostas no *Ratio*

1721

A Companhia de Jesus e, conseqüentemente, o sistema de ensino jesuíta era “dividida em Províncias e Circunscrições territoriais, que compreendem várias casas e colégios da Ordem e coincidem com o território de uma nação ou parte dele” (FRANCA, 1952, p. 46). A administração era hierarquicamente compreendida nos cargos de Geral, Provincial, Reitor, Prefeito de Estudos e professores. Em alguns casos poderiam existir cargos auxiliares como, quando haviam as Faculdades Superiores unidas a cursos de humanidades, ou quando os alunos eram numerosos. Nestes casos, respectivamente, eram admitidos os cargos de Prefeito dos Estudos Inferiores e Prefeito de Disciplina (FRANCA, 1952, p. 46). Para compreendermos de maneira mais didática a função exercida por cada um, podemos realizar uma comparação com a hierarquia dos sistemas de ensino modernos, onde o Geral (que é o Superior Geral da Ordem em todo o mundo) pode ser comparado ao ministro da educação, o Provincial (superior da província da Ordem) aos secretários estaduais de educação, o Reitor aos diretores de cada unidade escolar, o Prefeito dos Estudos ao coordenador pedagógico, o Prefeito dos Estudos Inferiores àqueles que auxiliam ao coordenador pedagógico e o Prefeito de Disciplina aos monitores escolares.

Em relação ao ensino, ele era dividido em Estudos Superiores (Teológico e Filosófico) e Inferiores (Humanidades). O primeiro tinha uma duração de 4 para teologia e 3 para filosofia, e o segundo tinha duração média de 6 ou 7 anos.

Os Estudos Superiores eram divididos em Currículo Teológico (4 anos) e Filosófico (3 anos), e neles eram realizados os seguintes estudos (FRANCA, 1952, p. 47): no currículo teológico era estudado Teologia Escolástica (4 anos/com 4 horas semanais), Teologia Moral (2 anos/com aulas diárias), Sagrada Escritura (2 anos/com aulas diárias), Hebraico (1 ano/com duas horas semanais) e, ocasionalmente, Direito Canônico e História Eclesiástica, que poderíamos comparar às nossas disciplinas eletivas ou extracurriculares. Já no currículo filosófico era estudado: Lógica e introdução às ciências (1º ano – duas horas por dia), Cosmologia, Psicologia, Física e Matemática (2º ano – duas horas diárias e matemática 1 hora diária) e Psicologia, Metafísica e Filosofia Moral (3º ano – duas horas por dia).

Os Estudos Inferiores eram divididos em cinco classes, em ordem crescente, Gramática Inferior, Gramática Média, Gramática Superior, Humanidades e Retórica, onde o aluno progrediria de acordo com o cumprimento de cada classe (FRANCA, 1952, p. 46-47).

Em cada uma dessas classes eram realizados os seguintes estudos:

Quadro 1 – Conteúdos estudados nos Estudos Inferiores

Classes	Conteúdo Estudado
Gramática Inferior	“Cartas mais fáceis de Cícero e as primeiras noções de grego” (FRANCA, 1952, p. 49).
Gramática Média	“Cartas de Cícero <i>ad familiares</i> , poesias mais fáceis de Ovídio; catecismo grego, <i>Tabula de Cebe</i> ” (FRANCA, 1952, p. 49).
Gramática Superior	No latim as obras mais célebres de Cícero e Sêneca na prosa e, entre outros, Virgílio na poesia (Eneida); no grego São João Crisóstomo, Esopo e outros semelhantes. Além da gramática do Pe. Manuel Álvares. (FRANCA, 1952, p. 49).
Humanidades	No latim, Cícero, Virgílio, Horácio, obras de filosofia moral e os historiadores César, Salústio, Tito, Lívio, Curcio e outros. No grego, as orações de São Basílio, de São João Crisóstomo e de Isócrates; poesias de

	Sinésio, Focílides, dentre outros, e trechos de Plutarco (FRANCA, 1952, p. 49-50).
Retórica	Na retórica e na poética, Aristóteles; e no estilo, Cícero. No grego se usa autores antigos, dentre os quais, Demóstenes, Homero, Hesíodo e outros (FRANCA, 1952, p. 50).

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

As aulas eram ministradas em cinco horas diárias, sendo divididas em duas horas e meias pela manhã, e duas horas e meias pela tarde. Divididas em latim e grego, e prosa e poesia (FRANCA, 1952, p. 50). Não havia aulas nos domingos e nos dias e períodos de guarda determinados pela Igreja, bem como deveria haver um dia de descanso semanal (geralmente o domingo) e férias (entre 1 e 2 meses – cursos superiores; 1 mês – retórica; três semanas – humanidades; duas semanas – gramática superior; e nas outras uma semana) (FRANCA, 1952, p. 130,131).

Além disso, em alguns colégios eram ministradas aulas de sírio, caldeu, cronologia histórica, astronomia, climatologia, geometria, hidrografia, geografia, economia política e história natural (geologia e mineralogia), dentre outras (FRANCA, 1952, p. 55), além do estudo das línguas vernáculas, em menor grau, pois no século XVI, ainda havia o predomínio do latim como a língua dos estudos.

1723

### 3.4 A metodologia do *Ratio*

A metodologia de ensino da educação jesuítica é marcada pela sua adaptatividade às circunstâncias e aos métodos, onde, “norma e liberdade, tradição e progresso balançam-se em justo equilíbrio” (FRANCA, 1952, p. 57). O desenvolvimento do processo de ensino seguia a seguinte sequência: recitação, preleção, leitura e composição (FRANCA, 1952, p. 57-59). A recitação geralmente se referia a algum verso ou trecho de prosa dos clássicos latinos ou gregos, e tinha como objetivo fortalecer a memória, a qual era vista pelos jesuítas como um importante instrumento da razão que deve ser exercitada para um melhor desempenho. Este momento precedia a preleção. Esta, por sua vez, constituía-se da explicação antecipada do que seria estudado pelo professor aos alunos. Assim, o professor explicava os termos e tirava as dúvidas que surgiam. Depois disso, sucedia-se o momento de leitura, onde os alunos

liam as obras selecionadas e realizavam observações, copiavam frases, expressões e termos que consideraram interessantes do autor. Por fim, os alunos faziam a composição de um texto autoral com base do estilo que estava sendo estudado, considerando tudo o que anotou e as análises que realizou sobre os textos lidos. Dessa forma, a pedagogia jesuíta destinava-se a formar uma mente que tinha um grande acervo erudito e, ao mesmo tempo, conseguia usar esses conhecimentos em prol de seu desenvolvimento intelectual. Vale ressaltar que toda a educação jesuíta era propedêutica, no sentido que visava preparar os estudantes para novos conhecimentos. Isso pode ser explicado pelo contexto histórico, uma vez que a Revolução Industrial só ocorreria séculos mais tarde, quando viria a surgir a necessidade de uma educação voltada a formar trabalhadores.

Durante as realizações das aulas ocorriam discursos, disputas e declamações, além de torneios teológicos e filosóficos, quando participavam alunos e participantes vindo de fora dos colégios (FRANCA, 1952, p. 63-65). Além disso, as salas eram permanentemente divididas em dois grupos que realizavam debates constantes, existindo uma hierarquia similar a militar a qual era alçado como prêmio pelos resultados dos estudantes (FRANCA, 1952, p. 64). Os jesuítas não davam ênfase aos castigos físicos, deixando-os como último recurso, preferindo apelar aos sentimentos e à noções de nobreza (FRANCA, 1952, p. 64).

1724

Dessa forma, diferente da visão popularmente concebida de que o método pedagógico dos jesuítas era voltado a uma mera decoração, sem uma postura questionadora, onde o professor explana e o aluno apenas recebe passivamente o conteúdo, o ensino promovido pela Companhia de Jesus era, na verdade, bastante eficiente, possuindo um “método essencialmente ativo”, onde os alunos não são “uma multidão inorgânica de unidades desarticuladas a ouvir o mestre que discorria de sua cátedra” (FRANCA, 1952, p. 58,59).

## 4. O ENSINO JESUÍTA

### 4.1 Análise sobre o ensino jesuíta

Conforme o supracitado, podemos observar que o ensino jesuíta, norteado pelo *Ratio Studiorum*, era um sistema educacional bastante avançado e completo para época (NETO; MACIEL, 2008, p. 170-171) que, além de visar a formação católica (fato que se

explica por se tratar de uma ordem religiosa) também atuava na “transformação social” (NETO; MACIEL, 2008, p. 173), uma vez que:

As escolas e colégios jesuítas, subsidiados pelo Estado português, se obrigava a formar gratuitamente sacerdotes para a catequese, instruir e educar os indígenas, os mamelucos e os filhos dos colonos brancos. O estudo é encarado como fundamental, um espaço para a guerra de idéias [...] (ROSÁRIO; MELO, 2015, p. 384)

Evidentemente, os filhos da elite colonial detinham privilégios em relação aos demais, fato que não é de culpabilidade da Ordem, mas sim das questões socioeconômicas que permeiam a sociedade, cabendo lembrar que, até os dias atuais a formação escolar sofre com essas distinções. Os colégios jesuítas foram as instituições de ensino mais abertas aos menos favorecidos por séculos, só sendo ultrapassadas nesse quesito recentemente, de 1920 aos tempos presentes, quando ganhou força a educação pública.

Além disso, o ensino jesuíta baseado, principalmente, na Pedagogia Inaciana, fundamenta-se em um modelo de contextualização com a realidade, experiência cognitiva e emocional, reflexão da verdade, da objetividade e dos valores, bem como da ação comunitária e contínua avaliação a partir da participação ativa dos estudantes (SCHNEIDER *et al.* (Org.), 2018, p. 20).

Assim, cada vez mais, tem sido superado o paradigma cultivado anteriormente de que a educação jesuíta era necessariamente ultrapassada, e a visão dela como intrinsecamente negativa, sendo substituída por uma compreensão mais realista da mesma, levando em consideração suas contribuições para a educação e para o desenvolvimento intelectual do período histórico. Dessa forma, cresce o número daqueles que têm uma visão positiva do ensino jesuíta, realçando que nele havia espaço para o debate, a competição, a liberdade do aluno de analisar, questionamentos e até mesmo uma divisão de turmas por ano (PAIVA, 2015), precedendo em séculos muitas das características dos sistemas de ensino modernos.

#### 4.2 O ensino jesuíta no Brasil

Ao chegar ao Brasil, a Companhia de Jesus se tornou a mais proeminente instituição de ensino da então colônia, abrindo ““escolas de ler e escrever” em quase todas as povoações e aldeias onde residiram” (PAIVA, 2015, p. 214), contribuindo inegavelmente para a implementação da educação no país (RIBEIRO, 1998), podendo ser, com justiça, considerada

a fundadora da educação brasileira (LEITE, 1965; ALMEIDA, 2000; TEIXEIRA SOARES, 1961).

De maneira geral, o processo de ensino e aprendizagem empregado no Brasil foi uma adaptação do método jesuíta às realidades brasileiras (NETO; MACIEL, 2008, p. 182), algo que não é estranho aos colégios da Ordem, uma vez que o *Ratio Studiorum* permitia essa adaptabilidade às condições particulares de cada local. Dessa forma, os planos de estudos no Brasil tinham a seguinte sequência:

Começando pelo aprendizado do português, incluía o ensino da doutrina cristã, a escola de ler e escrever. Daí em diante, continua, em caráter opcional, o ensino de canto orfeônico e de música instrumental, e uma bifurcação tendo em um dos lados, o aprendizado profissional e agrícola e, de outro, aula de gramática e viagem de estudos à Europa. (RIBEIRO, 1998, p. 21-22)

Assim, o ensino jesuíta no Brasil foi “a primeira forma de educação formal a ser empreendida em larga escala” (BORGES; BORGES, 2022, p. 165) no país, detendo, portanto, importantíssima relevância para qualquer estudo voltado à história da educação brasileira, ou ao desenvolvimento dos sistemas de ensino do país, além de terem contribuído para a própria formação do Estado brasileiro atual, proporcionando a unidade nacional, pela garantia que estabeleceram de unidade na língua, na religião e na cultura em todo o território que viria a ser o Brasil (AZEVEDO, 1976, p. 42, 43).

## 5. CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Muitas foram as contribuições dos jesuítas para a educação brasileira, desde o fato de terem-na fundado, de terem instituído o primeiro sistema de ensino, os primeiros colégios, de terem proporcionado a primeira expressão de educação formal no país, de terem formado os primeiros intelectuais brasileiros, até as consequências que podem ser sentidas nos dias atuais, como as muitas instituições de ensino administradas pela Ordem hoje no país, que continuam contribuindo para a construção do Brasil e para a educação brasileira.

Como exemplo, a Rede Jesuíta de Educação mantém hoje no Brasil, segundo informações disponíveis em seu site, diversos colégios, dentre os quais, o Colégio Antônio Vieira (Salvador, Bahia), Colégio Santo Inácio (Fortaleza, Ceará), Colégio Diocesano, Escola Padre Arrupe, Escola Santo Afonso Rodriguez – ESAR (Teresina, Piauí), dois Colégio dos Jesuítas (Juiz de Fora, Minas Gerais), Colégio Loyola (Belo Horizonte, Minas Gerais), Escola Técnica de Eletrônica Santa Rita do Sapucaí – ETE (Santa Rita do Sapucaí,



Minas Gerais), Centro Educacional Padre Agostinho Castejón – CEPAC, Colégio Santo Inácio (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro), Colégio Anchieta (Nova Friburgo, Rio de Janeiro), Colégio São Francisco Xavier, Colégio São Luís (São Paulo, São Paulo), Colégio Medianeira (Curitiba, Paraná), Colégio Catarinense (Florianópolis, Santa Catarina) e Colégio Anchieta (Porto Alegre, Rio Grande do Sul).

Além de instituições de educação básica, os jesuítas administram diversos seminários pelo Brasil, sendo responsáveis pela formação de considerável parcela dos padres brasileiros, bem como diversas universidades, como a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – Rio), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) em Belo Horizonte (MG) e a Fundação Educacional Inaciana Padre Sabóia de Medeiros – Centro Universitário FEI, em São Bernardo do Campo.

Por fim, pode-se mencionar como contribuição não só para a educação brasileira, como também para a preservação da cultura do Brasil, as línguas indígenas que os jesuítas ajudaram a, de alguma forma e em alguma medida, conservar (LEITE, 1965, p. 194), como o caso do Tupi, cujo primeiro empreendimento de compreensão e preservação se deu pelo padre São José de Anchieta que, inclusive, escreveu a primeira gramática do referido idioma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebe-se que a educação jesuíta desempenhou um importante papel na educação brasileira, tendo sido pioneira na oferta de ensino em grande escala no território nacional, bem como pelas contribuições que deixou para áreas que vão além da educação, como a língua, a cultura e as tradições do povo brasileiro, além de ter formado os primeiros intelectuais do país e ter lançado as bases para o ensino no Brasil.

Além disso, embora existam muitas críticas ao método de ensino dos jesuítas, a partir do demonstrado fica notório que a maior parte dessas críticas repousam sobre questões que eram próprias do tempo e não, necessariamente, dos jesuítas. Sendo, portanto, essas críticas de cunho anacrônico, desconsiderando as limitações do tempo que permeavam a ação jesuíta. A outra parte das críticas comumente se refere à ação missionária/catequética da educação promovida pela Companhia de Jesus, algo que também não é razoável, pois tal se dava em ligação com a própria natureza da instituição, que era uma ordem religiosa católica,

portanto, um organismo que tem sua existência fundamentada na ação religiosa. Logo, quando os jesuítas catequizavam, eles não estavam desvirtuando o ensino, antes, apenas agindo em conformidade com o que eram, uma organização religiosa.

Assim, apesar das críticas, que são próprias do debate acadêmico e necessárias para o progresso do conhecimento, das quais o método jesuíta não está alheio nem imune, percebe-se que o método de ensino dos jesuítas era bastante completo, robusto e avançado para a época. Não que fosse necessariamente perfeito, nem que não tivesse que sofrer alterações e aperfeiçoamentos, pois cada coisa é adequada a seu tempo, e com o passar desse tempo pode ser tornar deficiente e não mais corresponder às necessidades, mas que em seus princípios acertavam com precisão o caminho do processo educativo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **Instrução pública no Brasil (1500-1889): história e legislação**. 2<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: EDUC/INEP/MEC, 2000. 334 p.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. 5. Ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1976. Parte 3: A transmissão da cultura. 268 p.

BORGES, Felipe Augusto Fernandes; BORGES, Elenice Alves Dias. **Jesuítas e crianças no Brasil: um panorama das produções historiográficas**. Comunicações Piracicaba, v. 29, n. 2, p. 163-188, mai/ago, 2022. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/viewFile/41704448/2692>. Acessado em: 10 de ago. de 2023.

CÂMARA, Pe. Luís Gonçalves da. **Autobiografia de Santo Inácio de Loiola**. Tradução de COELHO, António José. 1<sup>a</sup>. Ed. Braga: Editorial A. O., 2005. 152 p.

CAMINHA, Pero Vaz. **A Carta de Pero Vaz de Caminha**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. Disponível em: [https://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/carta.pdf](https://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf). Acesso em: 10 de ago. de 2023.

FERREIRA, A. G. A educação no Portugal barroco: séculos XVI e XVIII. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil** 2. Ed. Petrópolis: Vozes 2005. v. 1.

FIGUEIREDO, António Ribeiro Saraiva de Moraes. **D. Miguel I. Obra a mais completa e concludente que tem aparecido na Europa sobre a legitimidade e inauferíveis direitos do senhor D. Miguel I. Ao throno de Portugal**. Traduzida do original francez. Lisboa: Impressão Régia, 1828. 158 p. Disponível em <http://archive.org/details/dmigueliobramaisooborduoft>. Acessado em 09 de ago. de 2023.

FONTANA, Patrícia; KUHN, Martin; ERMEL, Tatiane de Freitas. **Formação professores e processo educativo: a Companhia de Jesus nos clássicos da educação brasileira.** Educação, Santa Maria, v. 46, p. 1-22, jan/dez, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/43020/pdf>. Acessado em: 09 de ago. de 2023.

FRANCA S. J., Pe. Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas: o “Ratio Studiorum”: Introdução e Tradução.** Rio de Janeiro: Agir, 1952.

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL INACIANA (FEI). **História.** Disponível em: <https://portal.fei.edu.br/historia-da-fei>. Acesso em: 10 de ago. de 2023.

JESUÍTAS BRASIL. **Nossa História.** Disponível em: <https://jesuitasbrasil.org.br/institucional/nossa-historia/>. Acesso em: 10 de ago. de 2023.

JOÃO III, Dom. **Regimento que levou Thomé de Sousa governador do Brasil, Almerim, 17/12/1548.** Lisboa: AHU, códice 112, fls. 1-9. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7539868/mod\\_resource/content/1/2-%20Regimento%20que%20levou%20Tom%C3%A9%20de%20Sousa%20governador%20do%20Brasil.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7539868/mod_resource/content/1/2-%20Regimento%20que%20levou%20Tom%C3%A9%20de%20Sousa%20governador%20do%20Brasil.pdf). Acesso em: 10 de ago. de 2023.

LEITE, Serafim. **Novas páginas de história do Brasil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965. 393 p.

1729

LEITE, Serafim. **Suma história da Companhia de Jesus no Brasil (assistência de Portugal): 1549-1760.** Lisboa: Junta de Investigação Ultramar, 1965. 291 p.

NETO, Alexandre Shigunov; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. **O ensino jesuíta no período colonial brasileiro: algumas discussões.** Educar, Curitiba, n. 31, p. 169-189, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/VKN68qKSCDDcvmq5qC7T6HR/abstract/?lang=pt>. Acessado em: 10 de ago. de 2023.

OLIVEIRA, Ricardo Batista de. **Aldeamentos jesuítas na capitania do Espírito Santo: ocupação colonial e ressignificação da etnicidade indígena entre os séculos XVI e XVIII.** Temporalidades, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 215-233, mai/ago, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5551>. Acessado em: 10 de ago. de 2023.

PAIVA, Wilson Alves de. **O legado dos jesuítas na educação brasileira.** Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 31, n. 4, p. 201-222, out/dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/4WccmHjrYWG4fKfDj8L87Gv/?lang=pt#>. Acessado em: 09 de ago. de 2023.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC – Rio). **Missão e Marco Referencial.** Disponível em: <https://www.puc-rio.br/sobrepuc/historia/>. Acesso em: 10 de ago. de 2023.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO (Jesuítas Brasil). **A Companhia de Jesus**. Disponível em: <https://redejesuitadeeducacao.com.br/companhia/>. Acesso em: 10 de ago. de 2023.

REDE JESUÍTICA DE EDUCAÇÃO (Jesuítas Brasil). **História da educação jesuíta no Brasil**. Disponível em: <https://redejesuitadeeducacao.com.br/historia-da-educacao-jesuita-no-brasil/>. Acesso em: 10 de ago. de 2023.

REDE JESUÍTICA DE EDUCAÇÃO (Jesuítas Brasil). **Nossas Unidades**. Disponível em: <https://redejesuitadeeducacao.com.br/unidades/>. Acesso em: 10 de ago. de 2023.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 15. ed. Campinas: Autores Associados, 1998.

ROSA, Teresa da Fonseca. **O Iluminismo e a expulsão dos jesuítas do Império Português; as reformas pombalinas e o plano dos estudos menores**. Revista de História Regional, Ponta Grossa, v. 19, n. 2, p. 361-383, 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/7091/4337>. Acessado em: 10 de ago. de 2023.

ROSÁRIO, Maria José Aviz do; MELO, Clarice Nascimento de. **A educação jesuítica no Brasil Colônia**. HISTEDBR On-line, Campinas, n. 61, p. 379-389, mar. 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640534/8093>. Acessado em: 10 de ago. de 2023.

1730

SBARDELOTTO, Moisés. **A supressão da Companhia de Jesus: episódio-chave de sua ação nas fronteiras da fé**. Ed. 366, p. 22-29.. São Leopoldo: Revista do Instituto Humanitas Unisinos, n. 366, p. 22-29, jun. 2011. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao366.pdf>. Acesso em: 10 de ago. de 2023.

SCHNEIDER, Dário *et al* (Orgs.). **Educação jesuítica: aprendizagem integral, sujeito e contemporaneidade**. Porto Alegre: Colégio Anchieta, 2018. 283 p.

SOARES, Álvaro Teixeira. **O Marquês de Pombal**. Brasília: Editora da UnB, 1961.

SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses; CAVALCANTE, Maria Juraci Maia (Orgs.). **Os jesuítas no Brasil: Entre a Colônia e a República**. 1ª. Edição. Brasília: Liber Livro, 2016. 294 p.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO (UNICAP). **Nossa história**. Disponível em: <https://portal.unicap.br/nossa-historia>. Acesso em: 10 de ago. de 2023.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS). **A Unisinos**. Disponível em: <https://unisinos.br/institucional>. Acesso em: 10 de ago. de 2023.